

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

*puritas* e da *perspicuitas* (clareza), requisitos anteriores, do tradutor como gramático.

De grande diversidade são as fontes doutrinárias aonde M. Furlan vai buscar os seus textos: prólogos, prefácios, introduções, ensaios, comentários, críticas, dedicatórias, cartas e traduções propriamente ditas, sempre procedentes de uma época a que chama “berço da tradutologia” e que, a seus olhos, justifica que a série de Antologias, iniciada em 2001, preste especial atenção aos teóricos do século XVI.

Nas fontes recolhidas, encontramos questões como o domínio da língua de partida e da língua de chegada, o conhecimento da matéria, o uso do ouvido e a habilidade poética na actividade de tradução, questões de estilo e de valores estéticos, da relação conteúdo/forma, sentido/palavra, espírito/letra; e ainda questões relacionadas com o leitor destinatário e o uso da língua comum; com a tipologia dos textos e respectiva tipologia de traduções. Da sua leitura dimanam algumas convergências de inequívoca modernidade, nomeadamente a atenção dada pela tradução à *elocutio*, reflectindo a *elocutio* da produção literária original.

*Ca una cosa es hablar según el arte y otra es hablar del arte*, escrevia Alonso de Cartagena (p. 84). As suas palavras traduzem a grande novidade que, segundo M. Furlan, o Renascimento trouxe à teoria sobre a tradução, novidade essa estreitamente unida à questão da *elocutio*: “o uso do ouvido, ou da habilidade poética”, “possuir e usar o ouvido”, “a compreensão e reprodução *artística* do original”.

MARGARIDA LOPES DE MIRANDA

GIL, Isabel Capeloa e PIMENTEL, Manuel Cândido (Eds.), *Simone de Beauvoir: Olhares sobre a mulher e o feminino*. Lisboa, Nova Vega/CEFI/CEC, 2010, 260 pp. ISBN: 978-972-699-964-5.

Este livro é fruto de projeto interdisciplinar do Centro de Estudos de Filosofia (CEFi) e do Centro de Estudos de Comunicação e Cultura (CECC) da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa, os quais promoveram, em novembro de 2008, em Lisboa, evento comemorativo do centenário do nascimento de Simone de Beauvoir. Para os classicistas, ele poderia passar despercebido. Entretanto, alguns estudos que o integram tratam também da retomada dos antigos pela filósofa,

escritora e feminista francesa, de modo a fazê-lo merecedor da atenção de quem se dedica aos estudos clássicos.

De um ponto de vista epistemológico, a obra tem o mérito de tratar de uma autora que, após a publicação, em 1949, de *Le deuxième sexe*, se tornou a filósofa (que sequer se podia considerar como tal) capaz de inserir a questão do ser mulher no horizonte da discussão filosófica, *tópos* privilegiado do saber masculino. De fato, Georges Duby e Nicole Perrot observam, em *L'histoire de femmes* (1990: vi), que, historicamente, a imagem do feminino e da mulher sempre foi uma mera representação masculina e não um relato das mulheres sobre si mesmas. Beauvoir ousa quebrar essa tradição, propondo novas perspectivas de análise sobre o feminino na cultura e expondo a impossibilidade de um discurso neutro sobre tema tão polêmico. Nesse sentido, o que os vários textos de *Beauvoir: Olhares sobre a mulher e o feminino* analisam é justamente o fato de ela haver ferido a ordem do saber e das representações masculinas, ao vasculhar o imaginário cultural à luz de uma delicada e paradoxal abordagem epistemológica, buscando sempre identificar criticamente nos filósofos, e em especial nos da Antiguidade grega, o que eles têm de significativo e de fabuloso enquanto aparato axiológico, assumido como um legado ao Ocidente praticamente irretorquível.

No plano hermenêutico, os vários olhares sobre o pensamento de Simone de Beauvoir estão nesta obra contornados por textos que, de forma integral ou apenas parcialmente, realçam a relevância da Antiguidade como ponto privilegiado de suas reflexões históricas. Em especial, como menciona Maria de Fátima Silva em estudo intitulado “O segundo sexo: Condição feminina sob o jugo da tradição”, tal relevância é assumida como base inaugural para uma “série de tradições sobre que assenta o comportamento seu contemporâneo em relação à mulher” (Silva, 2010: 97). De fato, estudar o pensamento de Simone de Beauvoir tem sido um agradável desafio, enfrentado, nas últimas décadas, por estudiosos com interesses, estilos e abordagens variados. Envolvendo tal debate está sempre a delicada questão da quebra, em sua obra, dos paradigmas epistemológicos e das fronteiras de um saber tradicional, para se deparar com algo que possa apontar em “múltiplas direções”, conforme se pode ler no prefácio composto por Manuel Cândido Pimentel (2010: 11). Não que a tradição seja unívoca em suas criações, mas costuma ser recebida de forma convencional, enquanto paradigma de dicção masculina, com pouca e dificultosa abertura à diferença, o que se torna palco de problematização

nos textos de Beauvoir. Assim, de uma perspectiva histórico-hermenêutica, o presente livro serve para pôr em questão a persistência de tradições antigas, em especial “as raízes profundas que ligam o plano de organização social às vicissitudes da diferença dos sexos” (Silva, 2010: 86).

No mesmo sentido, Américo Pereira e de Maria Luísa Ribeiro Ferreira exploram o legado dos antigos nos textos de Simone de Beauvoir, em especial em *Le deuxième sexe*, tomando as bases de comparação como pano de fundo para problematizar as construções culturais. Ferreira, ao dar tratamento exemplar ao tema “Uma filósofa para o século XX”, traça uma precisa analogia entre a luta de Beauvoir para combater os estereótipos e o livro V da *República* de Platão, discutindo a questão da identidade e da diferença. Desse modo, os percursos da mulher no imaginário cultural contemplam, nas distintas análises, as suas figurações clássicas, da narcisista à mística. As analogias que os textos de Beauvoir permitem são abordadas também pelo valor de sua “escrita duplamente performativa”, nos dizeres de Isabel Capelo Gil (2010: 16), que se debruça sobre “um pensamento outro” acerca do feminino e sobre a “contingência da sua situação”, em meio aos percalços de um processo histórico de desvelamento de direitos e de novas identidades.

De uma perspectiva metodológica, cumpre elogiar o conjunto da obra. De fato, o livro se constrói como um diálogo interdisciplinar que abre possibilidades de ver o mundo por meio de variadas e intercambiáveis lentes. Dividido em duas partes, denominadas “A filosofia de Beauvoir” e “Beauvoir revisitada”, representa uma contribuição importante, em língua portuguesa, para a leitura do pensamento filosófico, antropológico e literário de Simone de Beauvoir. Como declara, no prefácio, Manuel Cândido Pimentel, o efeito do pensamento de Beauvoir, tanto quanto as causas e motivos do interesse do público leitor por suas obras, estão em qualidades tais como “a capacidade de nos propor a reação e não a indiferença, o incômodo e não o sossego” (Pimentel, 2010: 11). De forma igualmente instigante, na introdução intitulada “Interpelações beauvoirianas”, Isabel Capelo Gil dá tratamento inovador ao pensamento de Beauvoir, enquanto um gesto performativo da liberdade, que faz da mulher descrita uma busca contínua de sentido para “a tarefa arqueológica de convocação das contribuições do feminino na história da cultura” (Gil, 2010: 18). Em seu conjunto, as análises se voltam ainda para as variantes éticas e antropológicas do pensamento filosófico-feminista de Simone de Beauvoir, em que tradição e desconstrução se enfrentam.

É contudo do ponto de vista político, como uma perspectiva privilegiada em sua amplitude histórico-conceitual, que o pensamento de Simone de Beauvoir recebe, nos vários estudos, tratamento peculiar e cuidadoso. Tanto na primeira, quanto na segunda parte da obra, evidencia-se tal foco, apto para concatenar as distintas dicções e os múltiplos olhares dos comentadores. Na primeira, merece atenção o texto de Geneviève Fraisse, “O riso e a historiadora”, em que se analisa o papel de Beauvoir no ativismo histórico do século XX, em especial no final dos anos 60 e início de 70. Revisitar o pensamento da contradição (Fraisse, 2010: 29) torna-se o ponto central de sua proposta de análise do devir da mulher, esse devir pleno de paradoxos vividos por uma geração capaz de “registrar as variantes das lógicas possíveis da revolta” (Fraisse, 2010: 29). A autora vislumbra a inserção da luta das mulheres no conjunto das lutas de uma época, cujas origens históricas remontam à Antiguidade grega, se levarmos em consideração as figuras mítico-literárias de Aristófanes, sempre envoltas em sua roupagem de paródia, como meio para realçar a complexa relação entre igualdade e diferença. Por meio de variações de modelos estético-políticos, penetra-se na consciência coletiva e individual desse devir histórico, como prova de que os escritos de Simone de Beauvoir nunca deixaram de seguir o influxo grego de olhar o passado somente até o ponto em que este remete o pensamento ao *télos* maior de mirar sempre o futuro.

Na segunda parte, os textos propõem leituras da perspectiva do feminino, enquanto uma figura com polêmica mobilidade político-social. A reflexão feminista apresenta-se como um motivo antropológico capaz de criticar os estereótipos culturais de formas variadas, mas em torno das questões tratadas por Beauvoir. O texto de Isabel Capelo Gil, “La donna è móbile ou da mobilidade como estereótipo do feminino”, retoma *Le deuxième sexe* para apontar as sutilezas da escrita de Beauvoir, crítica da retórica patriarcal e da dimensão de alteridade na qual a mulher, o feminino e a diferença se projetam. Cécile Decousu aborda a autobiografia como escrita do eu e a ficção a ela inerente como lugar de destaque para a “ética da subjetividade” (Decousu, 2010: 156-157). Em estudos sobre a estética das viagens e do cinema, vários comentadores, como Tiphaine Martin, Emmanuel Leclercq e Carla Ganito, narram as emoções de Beauvoir diante das viagens como palco literário e sociopolítico (Tiphaine, 2010: 164), ou diante da tela refletida em suas obras de memória, assim como em seus ensaios estéticos. Verdadeira “evocação ao mundo” (Leclercq, 2010: 177), o cinema, que lhe chama a atenção até mesmo nas viagens, se lhe apresenta

nas obras de memória como uma das possibilidades de dizer algo de si, quando, na verdade, está falando dos outros. É mesmo o “*analogon* de uma realidade ausente” (Beauvoir, *Tout compte fait*, *apud* Leclercq, 2010: 177), cuja evidência comunicativa torna claro para a filósofa-escritora, ou mesmo para essa “primeira intelectual pública” (Pires, 2010: 239), o quão perturbadora é a interlocução do intelectual com as artes.

Finalmente, os vários textos que compõem a presente obra nos ensinam ler a história revisitada por Beauvoir, seja no que se refere ao debate sobre o conceito e os modelos de representação, seja por meio da desconstrução de falsas dicotomias, seja ainda pela projeção de utopias (Macedo, 2010: 188-191). Grande relevância têm, dessa perspectiva, os estudos sobre a recepção da obra de Simone de Beauvoir no Estado Novo português, tanto com relação à identificação de certa mentalidade da sociedade portuguesa em relação às mulheres, com a possibilidade de afirmação do feminino nas artes, mesmo com “qualidades estéticas autônomas e irreverentes” (Nadal, 201: 210), quanto no que diz respeito às imposições da censura, que rejeita seus livros por receio de mudanças que possam perverter a opinião pública (Seruya, 2010: 215).

Para retomar as palavras de Maria de Fátima Silva, de fato tudo comprova o quanto “a condição actual da mulher” é comandada pela “sobrevivência teimosa, na nossa civilização, das tradições mais antigas” (Silva, 2010: 85). Tendo isso em vista, pode-se dizer que Beauvoir soube apreciar com gosto a temporalidade da aventura humana, refletindo e ressignificando o conceito sempre móvel de situação, o qual nos possibilita traçar analogias entre nós e os antigos. Essas e outras questões incitam à leitura da obra, apontando diversas possibilidades de correlações históricas que ensinam buscar, nos textos de Beauvoir, alguns traços dos antigos. Entre outros, aqueles envoltos no paradoxo de valores que oscilam entre *nómos* e *hýbris* – e o universo desmesurado em que nossa racionalidade se desconstrói e se afirma a cada momento.

MAGDA GUADALUPE DOS SANTOS